

A natureza da Missa no debate entre John Knox e o abade de Crossraguell (Escócia, 1562).

LIXA VICTOR NEVES, Lucas<sup>1</sup>

**Resumo:** A Reforma Escocesa foi um longo processo político e religioso que marcou profundamente a Escócia no século XVI. O rompimento escocês com Roma e a fundação da Igreja da Escócia, verificados em 1560, não marcaram o fim dos processos de reforma religiosa no reino em questão, uma vez que a resistência católica à nova fé oficial foi ferrenha. A Missa foi proibida, por lei, na Escócia também em 1560, e tornou-se, ainda mais, um ponto de polêmica entre os clérigos católicos e ministros protestantes. Os debates em torno da natureza da Missa, por escrito ou travados frente a entusiasmadas audiências, foram uma constante na Escócia mesmo após 1560. Por conta da resistência de diversos católicos escoceses à nova igreja reformada oficial do país, esta decidiu enviar seus melhores teólogos a regiões que não aderiram à reforma, de modo a empreender missão e debater contra clérigos católicos. O debate entre John Knox e o abade de Crossraguell inscreve-se nos esforços empreendidos pela Igreja da Escócia descritos na sentença anterior. O presente trabalho analisa aspectos relativos à Reforma Escocesa e ao debate entre John Knox e o abade de Crossraguell.

**Palavras-chave:** Reforma Escocesa; John Knox; Missa.

## 1. A reforma escocesa

Segundo Tapscott, a reforma escocesa teve seu impulso inicial no mesmo *locus* daquelas reformas ocorridas no continente: a universidade. A autora ainda afirma que foi entre os indivíduos que tiveram acesso à educação que a teologia polêmica de Lutero começou a circular e a ganhar apoio. As três principais universidades escocesas de Quinhentos foram os palcos mais importantes das polêmicas teológicas que dariam impulso ao processo de reforma religiosa na Escócia, a saber: Aberdeen, Glasgow e Saint Andrews (TAPSCOTT, 2013, p. 18).

As autoridades temporais e espirituais, que acreditavam na retidão das universidades escocesas mencionadas acima, circunscreviam qualquer discussão teológica aos ditos estabelecimentos de ensino. Essa prática seria muito útil para extinguir

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: lucasvitta96@gmail.com.

qualquer possível polêmica teológica. Tapscott afirma que uma lei datada de 1525 proibia expressamente a importação de livros luteranos e a discussão de heresias, exceto nas universidades. Além disso, apenas homens com qualificações adequadas poderiam tomar parte nessas discussões, que deveriam focar em rebater as heresias luteranas (TAPSCOTT, 2013, p. 18). Grosso modo, segundo o historiador francês Jean Delumeau, as três principais doutrinas do protestantismo eram, à altura do século XVI, a justificação pela fé, o sacerdócio universal e a infalibilidade restrita às Escrituras (DELUMEAU, 1989, p. 59). É óbvio que as proposições protestantes fundamentais aviltavam fundamentos básicos da Fé da Igreja de Roma. O cerco escocês aos livros heréticos e às discussões das ideias protestantes não foi eficaz, até porque muitos estudiosos escoceses iam para a Europa continental estudar e retornavam para a Escócia com novas ideias e convicções em seus baús, não raramente.

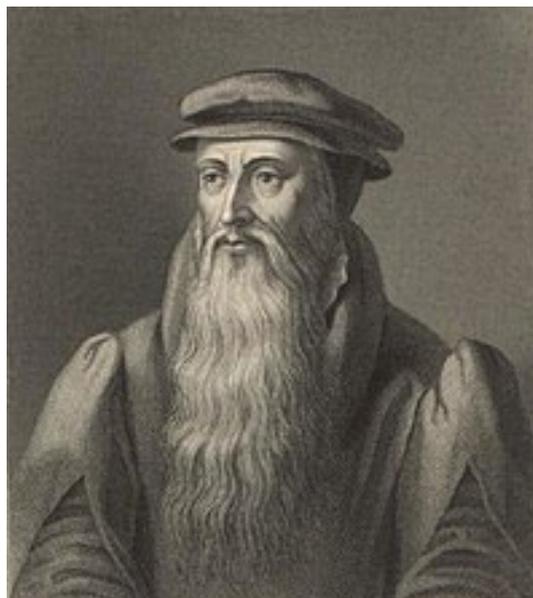
A historiografia respeitante à Reforma Escocesa é vasta e apresenta diversos matizes. O primeiro que gostaria de destacar é aquele confessional, feita na forma de uma narrativa triunfalista protestante, segundo o qual a Reforma Escocesa foi vitoriosa sobre o catolicismo obscurantista. Autores de renome da dita corrente foram David Hay Fleming (1903) e Alexander Mitchell (1899), que escreveram seus trabalhos mais famosos ao final do século XIX e início do XX. Ao longo da década de 60 do século XX, a história de cunho confessional sobre a Reforma Escocesa, até então popular, começou a ser contestada. Autores como Gordon Donaldson (1960) publicaram trabalhos argumentando que às vésperas da Reforma Escocesa, a Igreja Católica na Escócia não era tão corrupta e decadente quanto queriam fazer crer os historiadores confessionais. Ainda na década de 60, David McRoberts (1962) coordenou uma coletânea de artigos que serviu de contraponto à historiografia que tratava a Reforma Escocesa como um processo triunfalista ao passo que, anos depois, Ian Cowan (1978) trabalhou no sentido de adicionar chaves sociais e culturais à análise historiográfica acerca da Reforma em Escócia.

Não pretendo, no presente trabalho, fazer nada senão uma análise brevíssima sobre a polêmica relacionada à Missa, no debate entre John Knox – figura de proa da Reforma Escocesa – e o abade de Crossraguell – um adversário intelectual do último. Por conta disso será útil, na próxima seção, discorrer acerca dos dois personagens mencionados, que debateram sobre a natureza da Missa em 1562, na esteira de uma política da recém instituída Igreja da Escócia para combater os rincões escoceses que permaneceram católicos e não aceitaram a reforma. A Reforma Escocesa teve cariz altamente

intelectualizado, de modo que será útil ter um panorama acerca disso de modo a melhor entender as razões para o debate em questão.

## 2. John Knox e o abade de Crossraguell

John Knox (1514-1572) foi uma das figuras de proa da reforma escocesa, cujas maiores reverberações foram o rompimento da Escócia com Roma e a proibição da Missa em 1560. Foi também em 1560 que a Igreja da Escócia, presbiteriana e calvinista, passou a ser oficial no dito reino. John Knox teve sua educação na Universidade de Saint Andrews e foi ordenado padre em 1536. Knox aparece em registros de 1540 trabalhando para a diocese de Saint Andrews. Em algum momento do início da década de 1540, John Knox se converteu ao protestantismo através de George Wishart (1513-1546), pregador protestante escocês educado na Universidade de Aberdeen e em escolas reformadas no continente. Ao longo da década de 1540 e meados da de 1550, John Knox esteve envolvido em missão protestante clandestina, além de ter escrito diversos tratados contra a fé católica (um dos principais tratados de John Knox, nesse sentido, foi *A vindication of the doctrine that the sacrifice of the mass is idolatry* (1550). Ao longo desse trabalho, John Knox defende que o Sacrifício Eucarístico provém de idolatria dos homens e não de Cristo) – o que enfureceu Maria de Guise (1515-1560), rainha-regente da escócia em nome de sua filha Maria I (1542-1587).



(Figura 1)

John Knox (1514-1572)

Por conta dos problemas que teve na Escócia, Knox precisou partir para um exílio no continente. Passou por Genebra em 1554, ocasião na qual conheceu João Calvino (1509-1564) e por ele foi grandemente influenciado (DAWSON, 2015, pp. 147-164). Em 1559 Knox retornou à Escócia e, com a ajuda de muitos simpatizantes de sua doutrina – incluindo elementos do povo e nobres –, conseguiu prender a regente católica Maria de Guise e iniciar *de facto* sua tão querida reforma. Como disse anteriormente, 1560 marcou o rompimento da Escócia com Roma, a proibição da Missa e o estabelecimento da Igreja da Escócia (DAWSON, 2015, pp. 177-192).

O abade de Crossraguell, Quentin Kennedy (1520-1564), foi um padre e abade católico. Foi nome importante da polêmica teológica escocesa do século XVI, defendendo vigorosamente a doutrina da Igreja Católica e a teologia da Eucaristia. Quentin Kennedy ocupou-se por muito tempo de refutar os trabalhos de John Knox, especialmente aqueles nos quais o reformador tratava de seus pontos de vista heréticos sobre a Missa (DAWSON, 2015, pp. 227-228).

### 3. A natureza da Missa no debate entre John Knox e o abade de Crossraguell (1562)

A Missa foi proibida pelo parlamento escocês em 1560, e foram estipuladas penas para os que a celebrassem e a assistissem. A nova lei, no entanto, foi ignorada em alguns pontos do país. Durante a segunda assembleia geral da Igreja da Escócia, em dezembro de 1560, suas lideranças requisitaram que os paroquianos e padres de Maybole, Girvin, Kirkoswald e Dalry fossem punidos. Em 1561, as abadias de Paisley, Kilwinning e Failford foram queimadas, porém a de Crossraguell foi poupada (todas as referidas abadias estavam situadas no oeste da Escócia). Um dos casos mais emblemáticos de destruição de templos católicos ao longo da Reforma Escocesa foi o da abadia de Holyrood. Aqui vale fazer um comentário um tanto extenso sobre o episódio, já que foi influenciado diretamente por escritos de John Knox.

A abadia de Holyrood – em português, da Santa Cruz – foi instituída por ordem do rei Davi I da Escócia (1084-1153), em 1128. Por que Davi I da Escócia patrocinou o referido estabelecimento religioso? Segundo a tradição, o monarca escocês em questão encontrava-se caçando acompanhado de outros homens nas cercanias de da cidade de Edimburgo, no dia da exaltação da Santa Cruz. Quando se afastou de seu grupo, foi atacado por um veado de grande porte, que o mataria se não tivesse sido protegido por um imenso braço – que trazia um grande e brilhante crucifixo – saído de uma nuvem, que

se interpôs entre ele e o animal enfurecido. Na noite que sucedeu os eventos, Davi I da Escócia teve um sonho, ao longo do qual foi aconselhado a fundar uma abadia, ou casa para cânones regulares, no lugar onde foi salvo pela interferência divina. E assim foi feito. O monarca fundou e patrocinou o estabelecimento de uma abadia em honra da Santa Cruz, que seria administrada pelos cânones regulares de Santo Agostinho (MACKIE, 1832, pp. 13-15).

A abadia foi composta por diversas construções, destinadas a diferentes fins. Em artigo de 1985, McAleer discute as particularidades da disposição de torres da fachada oeste da igreja da abadia de Holyrood (MCALEER, 1985). No mesmo trabalho, o autor oferece uma cronologia da construção da igreja gótica em questão. Ao longo dos primeiros anos de funcionamento da abadia, os serviços religiosos foram conduzidos em uma igreja temporária e pequena. Segundo McAleer, a igreja permanente começou a ser construída pela porção norte, por volta de 1190, o que foi seguido pelo assentamento das torres e construção dos primeiros níveis de muros laterais. Apenas em 1220 as arcadas internas foram iniciadas e, por volta de 1250, o nível do trifório foi atingido. McAleer afirma que a fachada oeste da igreja da abadia de Holyrood, assim como suas torres, foram completadas por volta de 1250.

Segundo Gallagher, a proximidade da abadia de Holyrood à capital do reino da Escócia fez com que os monarcas escoceses a frequentassem assiduamente (GALLAGHER, 1998). As visitas frequentes mencionadas suscitaram a necessidade de se construir uma casa que pudesse abrigar o monarca escocês, sua família e convidados. A partir do século XV, os reis escoceses começaram a utilizar a casa que tinham em Holyrood como uma de suas residências. Em 1501, por ordem de Jaime IV da Escócia (1473-1513), o palácio de Holyroodhouse começou a ser construído adjacente ao claustro da abadia. A influência régia sobre Holyrood teve seu ápice quando Robert Stewart (1533-1593), filho bastardo legitimado de Jaime V da Escócia (1512-1542), foi feito comendador da abadia (GALLAGHER, 1998).

Entre as décadas de 1540 e 1560, a abadia de Holyrood sofreu com dois flagelos, a saber: I)- Invasões inglesas; II)- A Reforma escocesa. Uma hoste inglesa, na década de 1540, saqueou a igreja da abadia de Holyrood e fez dano à sua estrutura – além disso, os sinos foram arrancados e valiosas relíquias levadas para a Inglaterra. A década de 1550 também foi impiedosa com a igreja da abadia de Holyrood, que sofreu depredações de turbas protestantes – entre outras coisas, o altar-mor e as capelas privadas foram destruídas (GALLAGHER, 1998). A cruzada particular de John Knox (1514-1572), uma

das figuras de proa da reforma escocesa, contra a Missa – presente em muitos de seus trabalhos e correspondências –, fez com que muitos na Escócia vissem os espaços de culto católico como “monumentos de idolatria” (LAING, 1895a, pp. 29-70; Ibid, 1895b, pp. 22-25...). A proibição da Missa na Escócia a partir de 1560 fez com que a abadia em questão – e sua igreja – restassem redundantes. O que se seguiu foi quase o abandono de Holyrood.



(Figura 2)  
As ruínas da abadia de Holyrood

Muitos reformadores, no entanto, sentiram que queimar abadias e igrejas não seria a melhor forma de converter os católicos resistentes. Por conta disso, a Igreja da Escócia enviou muitas de suas figuras mais importantes pelo país para pregar. John Knox foi alocado justamente no oeste escocês. Por conta do exposto o debate entre Knox e o abade de Crossraguell ocorreu em Maybole por três dias, entre 28 e 30 de novembro de 1562.

As notícias da política de missão interna que a Igreja da Escócia queria empreender se espalharam rapidamente. O abade de Crossraguell, defensor da teologia eucarística e da autoridade da Igreja de Roma, enviou cartas para John Knox quando soube que o referido reformador se dirigiria para o oeste escocês de modo a debater contra católicos e pregar a nova confissão oficial do reino. A missiva enviada pelo abade para Knox aos 6 de setembro de 1562 deixa claro que Kennedy sabia que o reformador iria para o oeste escocês buscar polemizar com católicos. O abade de Crossraguel, então, disse que debateria com John Knox em Maybole assim que possível, de modo a defender a doutrina da eucaristia e, portanto, da Missa – argumentou, também, que não seria conveniente que o número de testemunhas dos dois lados do debate fosse muito alargado.

No dia seguinte, aos 7 de setembro de 1562, John Knox respondeu ao abade dizendo que a razão pela qual iria ao oeste escocês não se relacionava com busca por polêmicas ou debates intelectuais vazios, mas sim com o fato de que queria convencer a todos de que “Jesus Cristo crucificado é o único salvador do mundo” (LAING, 1895b, p. 177). Além disso, o reformador acusou o abade de confundir os simples com sua falsa doutrina, e que gostaria de refutar Kennedy em frente da maior audiência possível.

Sobre o que seria o referido debate? Knox e o abade debateriam sobre a natureza da Missa, ou seja, se ela era ou não idólatra. Basicamente, John Knox argumentava que a Missa – mais precisamente a Eucaristia – era uma invenção do homem. Para o reformador escocês, toda adoração dos homens a Deus que não fosse por Ele expressamente comandada, era idólatra. Por conta disso, a religião católica estaria maculada desde sua raiz, posto que tinha como um dos principais pilares a teologia eucarística (LAING, 1895a). Essa foi a posição de Knox no debate contra o abade de Crossraguell (LAING, 1895b). O abade de Crossraguell, no entanto, argumentou com razão no debate de 1562 contra John Knox que a Eucaristia, fundamento principal da Missa, havia sido expressamente comandada por Cristo em 1 Coríntios 11:23-25 (LAING, 1895b). Ou seja, evidentemente o Sacrifício da Missa não provinha da cabeça dos homens, mas sim de um comando expresso de Cristo. O debate de 1562 entre Knox e o abade de Crossraguell foi coalhado argumentos do tipo *ad hominem* e outros artifícios retóricos comuns nesse tipo de confronto de penas na Época Moderna (CARVALHO, 2000). As testemunhas – 40 de cada lado da polêmica – acordaram que o debate terminou inconclusivo, sem um vencedor claro.

John Knox argumentou que a Igreja Católica estava coalhada de falsos profetas, “cegos que ensinavam cegos”, fato que levava à danação eterna tanto os que ensinavam quanto os que ouviam esses ensinamentos (LAING, 1895b, pp. 188-190). Segundo Knox, Deus nunca havia comandado as “doutrinas da Missa, do Purgatório, da intercessão dos santos e da feitura de imagens” (LAING, 1895b, pp. 188-190) e, portanto, nenhuma dessas práticas tinha a garantia da Palavra de Deus. Essas doutrinas referidas seriam, para Knox, “meros sonhos, estátuas e invenções do homem e seu particular juízo” (LAING, 1895b, pp. 189). Knox exortou os presentes de que os falsos profetas – claramente se referindo aos agentes da Igreja Católica – levavam os indivíduos a adorar “deuses estranhos” através do uso da “palavra de Deus” para convencer os inocentes. Ora, parece ser claramente uma associação das imagens que representam os santos católicos e o culto a ícones pagãos. Ou seja, muito provavelmente John Knox acreditava que as imagens dos

santos representavam deidades, e não modelos de vida cristã a ser seguidos e intercessores. Vale lembrar que quando esteve em Genebra, com João Calvino, Knox assistiu entusiasmado à perseguição à “mariolatria” e à destruição das imagens sacras na Suíça (DAWSON, 2015, pp. 147-164).

Logo em seguida, John Knox retomou sua ofensiva contra as imagens sacras na esteira de uma série de condenações feitas às práticas católicas. Disse que a proibição do casamento de homens e mulheres, de qualquer maneira, era uma doutrina diabólica, que a proibição de se comer carne, por motivos de consciência, também era doutrina luciferiana e, finalmente, que erigir imagens de santos em igrejas e lugares públicos era contra o comando expresso de Deus (LAING, 1895b, pp. 192). Ora, se Knox fala de Êxodo 20, 3-5, sabemos que o reformador escocês está equivocado. A proibição que Deus estipulou foi em torno do fetichismo pagão, ou seja, de criar imagens e servi-las como se deidades fossem. Imediatamente após, Knox argumentou que as orações pelas intercessões dos santos eram feitas sem fé e, logo, constituiriam pecado (LAING, 1895b, pp. 192).

O abade de Crossraguell não tocou no assunto das imagens sacras. Por outro lado, esforçou-se para explicar a teologia da Missa para o ex-padre John Knox, que escolheu, por influência de discussões acadêmicas, o caminho calvinista. Não convinha – segundo minha interpretação – ao abade de Crossraguell um embate tão dedicado contra John Knox no particular das imagens sacras, dado que a Missa era o objeto de disputa mais importante naquele momento em que uma nova igreja oficial havia sido instituída na Escócia e a autoridade de Roma, repudiada.



(Figura 3)

Mapa da Escócia (nas cercanias de Ayr, na região oeste da Escócia, ocorreu o debate entre o abade e John Knox).

## Referências

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, 1 (1), dez/2020.

COWAN, Ian. **Regional aspects of the Scottish Reformation**. Londres: 1978.

DAWSON, Jane. **John Knox**. New Haven e Londres: Yale University Press, 2015.

DELUMEAU, Jean. A Reforma: por quê? In: **Nascimento e afirmação da Reforma**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

DONALDSON, Gordon. **The Scottish Reformation**. Cambridge: 1960.

GALLAGHER, Dennis. B. Holyrood Abbey: the disappearance of a monastery. **Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland**, pp. 1079-1099, 1998.

FLEMING, David Hay. **The Scottish Reformation**. 1899.

LAING, David. (ed.). **A vindication of the doctrine that the sacrifice of the mass is idolatry, 1550**. In: The Works of John Knox. Edimburgo, 1895a. v. III.

\_\_\_\_\_. **The reasoning betwixt the abbot of Crossraguell and John Knox concerning the Mass, 1562**. In: The Works of John Knox. Edimburgo, 1895b. v. VI.

LYNCH, Michael. **Scotland: A New History**. Londres: 1992.

MACKIE, Charles. **Original historical description of the Monastery, Chapel Royal, and Palace of Holyroodhouse**. Edimburgo: 1832.

MCALEER, J. Philip. A unique façade in Great Britain: the west front of Holyrood Abbey. **Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland**, pp. 263-275, 1985.

MANN, Alastair. **The Scottish Book Trade 1500-1720**. 2000.

MASON, Roger (ed). **John Knox and the British Reformations**. Aldershot: 1998.

McROBERTS, David (ed). **Essays on the Scottish Reformation, 1513-1625**. Glasgow: 1962.

PETTEGREE, Andrew. **The Early Reformation in Europe**. Cambridge: 1992.

TAPSCOTT, Elizabeth Leona. **Propaganda and persuasion in the early Scottish reformation, c. 1527-1557**. 2013. 250 f. Tese (doutorado em História) – Universidade de Saint Andrews, Escócia.